

Tradução

À procura de Zora Neale Hurston

Alice Walker

escritora, poetisa e ativista feminista estado-unidense. Escreveu o romance A Cor Púrpura



("O chamado de Zora", Sara Oliveira, 2021)

Imagem fonte disponível em: <https://bit.ly/3r6YGfM>. Acessado em 28 de janeiro de 2020.

In search of Zora Neale Hurston Alice Walker

On January 16, 1959, Zora Neale Hurston, suffering from the effects of a stroke and writing painfully in long hand, composed a letter to the "editorial department" of Harper & Brothers inquiring if they would be interested in seeing "the book I am laboring upon at present—a life of Herod the Great." One year and twelve days later, Zora Neale Hurston died without funds to provide for her burial, a resident of the St. Lucie County, Florida, Welfare Home. She lies today in an unmarked grave in a segregated cemetery in Fort Pierce, Florida, a resting place generally symbolic of the black writer's fate in America.

*Zora Neale Hurston is one of the most significant unread authors in America, the author of two minor classics and four other major books - Robert Hemenway; "Zora Hurston and the Eatonville Anthropology", from *The Harlem Renaissance Remembered*, edited by Arna Bontemps (Dodd, 1972).*

On August 15, 1973, I wake up just as the plane is lowering over Sanford, Florida, which means I am also looking down on Eatonville, Zora Neale Hurston's birthplace. I recognize it from Zora's descriptions in *Mules and Men*: "the city of five lakes, three croquet courts, three hundred brown skins, three hundred good swimmers, plenty guavas, two schools, and no jailhouse." Of course I cannot see the guavas, but the five lakes are still there, and it is the lakes I count as the plane prepares to land in Orlando.

À procura de Zora Neale Hurston Alice Walker¹

Em 16 de janeiro de 1959, Zora Neale Hurston, sofrendo os efeitos de um acidente vascular cerebral e escrevendo dolorosamente à mão, compôs uma carta para o "departamento editorial" de Harper e Brothers indagando se eles estariam interessados em ver "o livro que estou trabalhando no presente - uma vida de Herodes o Grande." Um ano e doze dias depois, Zora Neale Hurston morreu sem fundos para prover seu enterro, uma moradora do condado de St. Lucie, Flórida, Welfare Home². Ela encontra-se hoje em um túmulo sem marcação, em um cemitério segregado em Fort Pierce, Flórida, um lugar de descanso geralmente simbólico do destino do escritor negro na América.

*Zora Neale Hurston é uma entre os autores mais significativos não lidos da América, a autora de dois clássicos menores e outros quatro grandes livros. — Robert Hemenway; "Zora Hurston and the Eatonville Anthropology," from *The Harlem Renaissance Remembered*, edited by Arna Bontemps (Dodd, 1972).*

Em 15 agosto, 1973, eu acordo quando o avião está abaixando sobre Sanford, Flórida, o que significa que também estou olhando para Eatonville, local de nascimento de Zora Neale Hurston. Eu reconheço o lugar a partir das descrições de Zora em *Mules and Men*: "a cidade de cinco lagos, três quadras de croquet, trezentas peles marrons, trezentos bons nadadores, muitas goiabas, duas escolas e nenhuma cadeia." Claro que não consigo ver as goiabas, mas os cinco lagos ainda estão lá e são os lagos que eu conto enquanto o

¹ Artigo publicado originalmente em *Ms. Magazine*, Março de 1975. Transcrição: Fídias Freire, Clístenes Costa, Pablo Lisboa, Pablo Eduardo Vianna Pereira e Pedro Valentín Ruiz E. Tradução: Victória Barbosa e Ana Gretel Echazú B. Revisão: Natalia Cabanillas e Fernanda Ferreira do Nascimento. Projeto Recânone/ UFRN – 2020.

² Nota das Tradutoras (N. das T.): Programas federais de ação social em apoio às comunidades vulnerabilizadas.

From the air, Florida looks completely flat, and as we near the ground this impression does not change. This is the first time I have seen the interior of the state, which Zora wrote about so well, but there are the acres of orange groves, the sand, mangrove trees, and scrub pine that I know from her books. Getting off the plane I walk through the hot moist air of midday into the tacky but air-conditioned airport. I search for Charlotte Hunt, my companion on the Zora Hurston expedition. She lives in Winter Park, Florida, very near Eatonville, and is writing her graduate dissertation on Zora. I see her waving - a large pleasant-faced white woman in dark glasses.

We have written to each other for several weeks, swapping our latest finds (mostly hers) on Zora, and trying to make sense out of the mass of information obtained (often erroneous or simply confusing) from Zora herself - through her stories and autobiography - and from people who wrote about her.

Eatonville has lived for such a long time in my imagination that I can hardly believe it can exist on its own right now. But after 20 minutes on the expressway, Charlotte turns off and I see a small settlement of houses and stores set with no particular pattern in the sandy soil off the road. We stop in front of a neat gray building that has two fascinating signs: EATONVILLE POST OFFICE and EATONVILLE CITY HALL.

Inside the Eatonville City Hall half of the building, a slender, dark brown-skin woman sits looking through letters on a desk. When she hears we are searching for anyone who might have known Zora Neale Hurston she leans back in thought. Because I don't wish to inspire foot-dragging in people who might know

avião se prepara para pousar em Orlando.

Do ar, a Flórida parece completamente plana e, conforme nos aproximamos do chão, essa impressão não muda. É a primeira vez que vejo o interior do estado, sobre o qual Zora escreveu tão bem, mas existem os acres de pomares de laranja, a areia, os mangues de árvores e a mata de pinheiros,³ que eu conheço de seus livros. Saindo do avião, ando através do ar quente e úmido do meio dia para o aeroporto brega, porém com ar-condicionado. Procuo por Charlotte Hunt, minha companheira para a expedição de Zora Hurston. Ela mora em Winter Park, Flórida, muito próximo de Eatonville, e está escrevendo sua dissertação de pós-graduação sobre Zora. Eu a vejo acenando — uma grande mulher branca de rosto agradável usando óculos escuros.

Nós escrevemos uma para outra por várias semanas, trocando nossas últimas descobertas (a maioria sendo dela) sobre Zora e tentando dar sentido à massa de informação obtida (frequentemente errônea ou simplesmente confusa) da própria Zora — por meio de suas histórias e autobiografia — e de pessoas que escreveram sobre ela.

Eatonville tem vivido por tanto tempo em minha imaginação que dificilmente posso acreditar que possa existir de verdade, por si só. Porém, depois de 20 minutos na via expressa, Charlotte desliga o veículo e eu vejo um pequeno assentamento de casas e lojas ambientadas sem um padrão particular no solo arenoso fora da estrada. Nós paramos em frente a um prédio cinza e arrumado que tem dois letreiros fascinantes: AGÊNCIA DOS CORREIOS DE EATONVILLE e PREFEITURA DE EATONVILLE.

Dentro da metade do edifício que corresponde à Prefeitura de Eatonville, uma mulher esbelta, de pele marrom escura está olhando cartas em uma mesa. Quando ela ouve que estávamos procurando por qualquer um que pode ter conhecido Zora Neale

³ N. das R. Vegetação típica da Flórida.

something about Zora they're not sure they should tell, I have decided on a simple, but I feel profoundly useful, lie.

"I am Miss Hurston's niece," I prompt the young woman, who brings her head down with a smile.

"I think Mrs. Moseley is about the only one still living who might remember her," she says.

"Do you mean Mathilda Moseley, the woman who tells those 'woman-is-smarter-than-man' lies in Zora's book?"

"Yes," says the young woman. "Mrs. Moseley is real, but this time of day, she should be at home."

I stand at the counter looking down on her, the first Eatonville resident I have spoken to. Because of Zora's books, I feel I know something about her; at least I know what the town she grew up in was like years before she was born.

"Tell me something", I say, "do the schools teach Zora's book here?"

"No", she says, "they don't. I don't think most people know anything about Zora Neale Hurston or know anything about the great things she did. She was a fine lady. I've read all of her books myself, but I don't think many other folks in Eatonville have".

"Many of the church people around here, as I understand it", says Charlotte, in a murmur aside, "thought Zora was pretty loose. I don't think they appreciated her writing about them".

"Well", I say to the young woman, "thank you for your help". She clarifies her directions to Mrs. Moseley's house and smiles as Charlotte and I turn to go.

The letter to Harper's does not expose public rejection of an unknown masterpiece, but it does reveal how the bright promises of the Harlem Renaissance deteriorated for many of the writers who shared in its exuberance. It also indicates the personal tragedy of Zora Neale Hurston: Barnard graduate, author of four novels, two books of folklore, one volume of autobiography,

Hurston, ela inclina-se para trás em pensamento. Porque eu não desejo que as pessoas que possam saber algo sobre Zora, mas que não têm certeza de se abrir para contar dificultem o processo, eu decidi por uma simples, mas sinto, profundamente útil, mentira.

"Eu sou sobrinha da senhorita Hurston," digo prontamente à jovem mulher, que abaixa a cabeça com um sorriso.

"Eu acho que a senhora Moseley é a única que ainda está viva que deve lembrar-se dela", ela diz.

"Você quer dizer a senhora *Mathilda* Moseley, a mulher que conta aquelas mentiras de 'mulher-é-mais-esperta-que-homem' no livro de Zora?"

"Sim," diz a jovem. "Sra. Moseley é real. Mas, a essa hora, ela deve estar em casa."

Eu estou em frente ao balcão olhando para ela, a primeira habitante de Eatonville com quem conversei. Por causa dos livros de Zora, eu sinto que sei algo sobre ela; pelo menos sei como a cidade onde ela cresceu era anos antes dela nascer.

"Me diga uma coisa," eu digo, "as escolas ensinam os livros de Zora aqui?"

"Não," ela diz, "eles não ensinam. Eu acho que a maioria das pessoas não sabe nada sobre Zora Neale Hurston ou conhece alguma das grandes coisas que ela fez. Ela era uma boa moça. Eu li todos os seus livros, mas não acho que outras pessoas em Eatonville tenham feito o mesmo."

"Muitas pessoas da igreja por aqui, pelo que entendo," Charlotte murmura à parte, "pensavam que Zora era solta demais. Eu acho que não apreciaram a escrita dela sobre eles."

"Bem," digo para a jovem, "obrigada por sua ajuda." Ela esclarece as direções para a casa da senhora Moseley e sorri quando Charlotte e eu nos viramos para ir embora.

A carta à Harper's não expõe a rejeição pública de uma obra-prima desconhecida, mas revela como as promessas brilhantes da Renascença do Harlem se deterioraram para muitos dos escritores que compartilharam de sua exuberância. Também indica a tragédia pessoal de Zora Neale Hurston: graduada em

the most important collector of Afro-American folklore in America, reduced by poverty and circumstances to seek a publisher by unsolicited mail.

— Robert Hemenway.

Barnard, autora de quatro romances, dois livros sobre folclore, um volume de autobiografia, a mais importante colecionadora de folclore afro-americano da América, reduzida pela pobreza e pelas circunstâncias a procurar uma editora por meio de uma carta não solicitada.

— Robert Hemenway.

Zora was born in 1901, 1902 or 1903 - depending on how old she felt herself to be at the time someone asked.

—Livreiro, Beinecke Library, Yale University

Zora nasceu em 1901, 1902 ou 1903 — dependendo de quantos anos ela se sentia no momento em que alguém perguntava.

—Livreiro,⁴ Beinecke Library, Yale University

The Moseley house is small, white and snug, its tiny yard nearly swallowed up by oleanders and hibiscus bushes. Charlotte and I knock on the door. I call out. But there is no answer. This strikes us as peculiar. We have had time to figure out an age para Mrs. Moseley - not dates or numbers, just old. I am thinking of a quivry, bedridden, invalid when we hear the car. We look behind us to see an old, black and white Buick - paint peeling and grillwork rusty - pulling into the drive.

A neat old lady in a purple dress and white hair is straining at the wheel. She is frowning because Charlotte's car is in the way.

Mrs. Moseley looks at us suspiciously. "Yes, I knew Zora Neale", she says, unsmilingly and with a rather cold stare at Charlotte (who I imagine feels very white at that moment), "But that was a long time ago, and I don't want to talk about it."

"Yes, ma'am", I murmur, bringing all my sympathy to bear the situation.

"Not only that", Mrs. Moseley continues, "I've been sick. Been in the hospital for an operation. Ruptured artery. The doctors didn't believe I was going to live,

A casa Moseley é pequena, branca e confortável, seu pequeno quintal quase engolido por oleandros e arbustos de hibisco. Charlotte e eu batemos na porta. Chamo. Mas não há resposta. Isso nos parece peculiar. Nós tivemos tempo para descobrir uma idade para a Sra. Moseley — nada de datas ou números, apenas velha. Eu estou pensando em uma inválida trêmula e acamada, quando ouvimos o carro. Olhamos para trás para ver um velho Buick preto e branco — pintura descascada e grades enferrujadas — chegando na entrada da garagem.

Uma senhora bem arrumada, com um vestido roxo e cabelo branco está tensa ao volante. Ela está franzindo a testa porque o carro de Charlotte está no caminho.

A Sra. Moseley olha para nós, desconfiada. "Sim, eu conheci Zora Neale," ela disse, carrancuda e com um olhar bastante frio para Charlotte (quem, eu imagino, deve se sentir muito *branca* nesse momento), "mas isso foi há muito tempo e não quero falar sobre isso."

"Sim, senhora," eu falo com suavidade, trazendo toda minha simpatia para aguentar a situação.

"Não só isso," a Sra. Moseley continua, "eu estive doente. Estive no hospital para uma operação. Artéria rompida. Os médicos não acreditaram que eu iria

⁴ N. das R. Livreiro é uma palavra cognata que designa o/à proprietário/a de uma livraria.

but you see me alive, don't you?"
 "Looking well, too", I comment.

Mrs. Moseley is out of the car. A thin, sprightly woman with nice gold-studded, false teeth, uppers and lowers. She stands there straight besides her car, with a hand on her hip and her straw pocketbook on her arm. She wears white T-strap shoes, with heels that show off her well-shaped legs.

"I am eighty-two years old, you know", she says. "And I just can't remember things the way I used to. Anyhow, Zora Neale left here to go to school and she never really came back to live. She'd come here for material for her books, but that was all. She spent most of her time down in South Florida".

"You know, Mrs. Moseley, I saw your name in one of Zora's books".

"You did?" She looks at me with only slightly more interest. "I read some of her books a long time ago, but then people got borrowing and borrowing and they borrowed them all away".

"I could send you a copy of everything that's been reprinted", I offer. "Would you like me to do that?"

"No," says Mrs. Moseley promptly. "I don't read much more". Besides, all of that was *so* long ago..."

Charlotte and I settle back against the car in the sun. Mrs. Moseley tells us at length and with exact recall every step in her recent operation, ending with: "What those doctors didn't know—when they were expecting me to die (and they didn't even think I'd live long enough for them to have to take out my stitches!)—is that Jesus is the best doctor and if *He* says for you to get well, that's all that counts".

With this philosophy, Charlotte and I murmur quick assent: being Southerners and church bred, we have heard that belief before. But what we learn from Mrs. Moseley is that she does not remember much beyond the year 1938. She shows us a picture of her father and mother and says that her father was Joe Clarke's brother. Joe Clarke, as every Zora Hurston reader

sobreviver, mas você me vê viva, não vê?"

"Com uma aparência bem boa também," comento.

A Sra. Moseley está fora do carro. Uma mulher magra e alegre, com dentes falsos cravejados de ouro, superiores e inferiores. Ela fica parada ao lado de seu carro, ereta, com uma mão no quadril e a bolsa de palha no braço. Usa sapatos brancos de tiras, com saltos que mostram suas pernas bem torneadas.

"Eu tenho oitenta e dois anos, sabe", diz. "E simplesmente não consigo lembrar das coisas como antes. De qualquer forma, Zora Neale deixou esse lugar [Eatonville] para ir para escola e ela nunca voltou realmente para morar. Ela ficava vindo aqui por material para seus livros, mas isso foi tudo. Ela passava a maior parte do tempo no sul da Flórida."

"Sabe, Sra. Moseley, eu vi seu nome em um dos livros de Zora."

"Você viu?" Ela olha para mim levemente mais interessada. "Eu li alguns dos livros dela há muito tempo, mas então as pessoas foram pegando emprestado e pegando emprestado e eles todos se foram."

"Eu poderia te mandar uma cópia de tudo que foi reimpresso," ofereço. "Você gostaria que eu fizesse isso?"

"Não," diz a Sra. Moseley prontamente. "Eu não leio muito mais. Além disso, tudo isso foi há *tanto* tempo..."

Charlotte e eu nos encostamos no carro no sol. Sra. Moseley nos conta longamente e com recordação exata cada passo de sua recente operação, terminando com: "O que aqueles médicos não sabiam — quando eles estavam esperando eu morrer (e eles nem mesmo pensaram que eu viveria o suficiente para que tirassem meus pontos!) — é que Jesus é o melhor médico e se *Ele* diz para você ficar bem, isso é tudo que conta."

Com essa filosofia, Charlotte e eu murmuramos um consentimento rápido: sendo sulistas e criadas na igreja, nós já tínhamos ouvidos essa crença antes. Mas o que aprendemos da Sra. Moseley é que ela não lembra muito além do ano 1938. Ela nos mostra uma

knows, was the first mayor of Eatonville; his fictional counterpart is Jody Sparks of *Their Eyes Were Watching God*.

We also got directions to where Joe Clarke's store *was*—where Club Eaton is now. Club Eaton, a long orange-beige nightspot we had seen on the main road, is apparently famous for the good times in it regularly had by all. It is, perhaps, the modern equivalent of the store porch, where all the men of Zora's childhood came to tell "lies", that is, black folktales, that were "made and used on the spot", to take a line from Zora. As for Zora's exact birthplace, Mrs. Moseley has no idea.

After I have commented on the healthy growth of her hibiscus bushes, she becomes more talkative. She mentions how much she *loved* to dance, when she was a young woman, and talks about how good her husband was. When he was alive, she says, she was completely happy because he allowed her to be completely free. "I was so free I had to pinch myself sometimes to tell if I was a married woman."

Relaxed now, she tells us about going to school with Zora. "Zora and I went to the same school. It's called Hungerford High now. It *was* only to the eighth grade. But our teachers were so good that by the time you left you knew college subjects. When I went to Morris Brown in Atlanta, the teachers there were just teaching me the same things I had already learned right in Eatonville. I wrote Mama and told her I was going to come home and help her with her babies. I wasn't learning anything new."

"Tell me something, Mrs. Moseley," I ask, "why do you suppose Zora was against integration? I read somewhere that she was against school desegregation because she felt it was an insult to black teachers."

foto de seu pai e de sua mãe e diz que seu pai foi irmão de Joe Clarke. Joe Clarke, como todo leitor de Zora sabe, foi o primeiro prefeito de Eatonville; sua contraparte fictícia é Jody Starks de *Seus Olhos Viam Deus*.

Nós também obtivemos endereços do lugar onde a loja de Joe Clarke *ficava*—onde o Clube Eaton fica agora. Clube Eaton, uma longa boate laranja-bege que tínhamos visto na rua principal, é aparentemente famosa pelos bons tempos que oferece regularmente a todos. Talvez ela seja o equivalente moderno da varanda de loja, onde todos os homens na infância de Zora vinham para contar "mentiras", isso é, histórias do folclore negro, que foram "feitas e usadas na hora", conforme dito por Zora. Quanto ao local de nascimento de Zora, Sra. Moseley não faz ideia.

Depois de eu comentar sobre o crescimento saudável de seus arbustos de hibisco, ela se torna mais falante. Menciona como ela *amava* dançar quando ela era jovem e fala sobre como seu marido era bom. Quando ele estava vivo, ela diz, ela estava completamente feliz porque ele permitia que ela fosse completamente livre. "Eu era tão livre que tinha que me beliscar algumas vezes para dizer se eu era uma mulher casada."

Relaxada, agora, ela nos conta sobre ir para a escola com Zora. "Zora e eu fomos para a mesma escola. É chamada de Hungerford High agora. *Era* apenas até a oitava série. Mas os professores eram tão bons que, quando você saía, sabia os assuntos da faculdade. Quando fui para Morris Brown em Atlanta, os professores me ensinaram os mesmos assuntos que já tinha aprendido em Eatonville. Eu escrevi para mamãe e falei para ela que ia voltar para casa e ajudá-la com os bebês. Não estava aprendendo nada novo."

"Me conte uma coisa, Sra. Moseley," pergunto, "por que você acha que Zora era contra a integração? Eu li em algum lugar que ela era contra dessegregação porque ela sentia que isso era um insulto aos

“Oh, one of them [white people] came around asking me about integration. One day I was doing my shopping. I heard'em over there talking about in the store, about the schools. And I got on out of the way because I knew if they asked me, they wouldn't like what I was going to tell'em. But they came up and asked me anyhow. ‘What do you think about this integration?’ one of them said. I acted like I thought I had heard wrong. ‘You're asking *me* what *I* think about integration?’ I said. ‘Well, as you can see I'm just an old colored woman’—I was seventy-five or seventy-six then—‘and this is the first time anybody ever asked me about integration. And nobody asked my grandmother what she thought, either, but her daddy was one of you all.’” Mrs. Moseley seems satisfied with this memory of her rejoinder. She looks at Charlotte. “I have blood of three races in my veins,” she says belligerently, “white, black and Indian, and nobody asked me *anything* before.”

“Do you think living in Eatonville made integration less appealing to you?”

“Well, I can tell you this: I have lived in Eatonville all my life, and I've been in the governing of this town. I've been everything but Mayor and I've been *assistant* Mayor. Eatonville was and is an all-black town. We have our own police department, post office, and town hall. Our own school and good teachers. Do I need integration?”

“They took over Goldsboro, because the black people who lived there never incorporated, like we did. And now I don't even know if any black folks live there. They built big houses up there around the lakes. But we didn't let that happen in Eatonville, and we don't sell land to just anybody. And you see, we're still here.”

When we leave, Mrs. Moseley is standing by her car, waving. I think of the letter Roy Wilkins wrote to a

professores negros.”

“Oh, um deles [brancos]⁵ apareceu me perguntando sobre integração. Um dia em que eu estava fazendo minhas compras. Eu ouvi eles conversando sobre isso na loja, sobre as escolas. E eu saí do caminho porque sabia que se eles perguntassem para mim não iriam gostar do que eu iria falar pr'eles. Mas eles vieram e me perguntaram mesmo assim. ‘O que você acha sobre essa integração?’ um deles disse. Eu agi como se pensasse que não tinha ouvido certo. ‘Você tá *me* perguntando o que *eu* acho sobre integração?’ Eu disse. ‘Bem, como você pode ver eu sou só uma velha senhora de cor’ — Eu tinha setenta e cinco ou setenta e seis — ‘e essa é a primeira vez que qualquer pessoa me pergunta sobre integração. E ninguém perguntou à minha avó o que ela pensava também, mas o pai dela era um de vocês.’” Sra. Moseley parece satisfeita com a memória de sua tréplica. Ela olha para Charlotte. “Eu tenho o sangue de três raças em minhas veias,” diz beligerantemente, “brancos, pretos e indígenas e ninguém me perguntou *nada* antes.”

“Você acha que morar em Eatonville tornou a integração menos atraente para você?”

“Bem, eu posso te falar uma coisa: Eu moro em Eatonville toda minha vida e estive no governo dessa cidade. Eu fui tudo, menos prefeita, e fui *assistente* do prefeito. Eatonville foi e é uma cidade toda de negros. Nós temos nosso próprio departamento de polícia, agência dos correios e prefeitura. Eu preciso de integração?”

“Eles assumiram o controle de Goldsboro, porque os negros que moravam lá nunca se incorporaram como nós. E agora eu nem sei se algum negro vive lá. Eles construíram grandes casas lá em volta dos lagos. Mas não deixamos isso acontecer em Eatonville e não vendemos terras para qualquer um. E você vê, ainda estamos aqui.”

Quando partimos, a Sra. Moseley estava em pé ao lado do carro, acenando. Eu penso na carta que Roy

⁵ N. das T. “Branco” entre colchetes é uma nota da autora.

black newspaper blasting Zora Neale for her lack of enthusiasm about the integration of schools. I wonder if he knew the experience of Eatonville she was coming from. Not many black people in America have come from a self-contained, all-black community where loyalty and unity are taken for granted. A place where black pride is nothing new.

There is, however, one thing Mrs. Moseley said that bothered me.

“Tell me, Mrs. Moseley,” I had asked, “why is it that thirteen years after Zora’s death, no marker has been put on her grave?”

And Mrs. Moseley answered: “The reason she doesn’t have a stone is because she wasn’t buried here. She was buried down in South Florida somewhere. I don’t think anybody really knew where she was.”

Only to reach a wider audience, need she ever write books—because she is a perfect book of entertainment in herself. In her youth she was always getting scholarships and things from wealthy white people, some of whom simply paid her just to sit around and represent the Negro race for them, she did it in such a racy fashion. She was full of sidesplitting anecdotes, humorous tales, and tragicomic stories, remembered out of her life in the South as a daughter of a traveling minister of God. She could make you laugh one minute and cry the next. To many of her white friends, no doubt, she was a perfect “darkie”, in the nice meaning they give the term—that is, a naïve, childlike, sweet, humorous, and highly colored Negro.

But Miss Hurston was clever, too—a student who didn’t let college give her a broad “a” and who had great scorn for all pretensions, academic or otherwise. That is why she was such a fine folklore collector, able to go among the people and never act

Wilkins escreveu para um jornal de negros destruindo Zora Neale por sua falta de entusiasmo sobre as integrações nas escolas. Eu me pergunto se ele sabia da experiência de Eatonville da qual ela vinha. Não muitos negros vieram de uma comunidade totalmente negra e independente, onde a lealdade e a unidade são tidas como garantidas. Um lugar onde o orgulho negro não é novidade.

Há, no entanto, uma coisa que a Sra. Moseley disse que me incomodou.

“Diga-me, Sra. Moseley”, eu perguntei, “por que, treze anos após a morte de Zora, nenhum marcador foi colocado em seu túmulo?”

E Sra. Moseley respondeu: “A razão de ela não ter uma lápide é porque ela não foi enterrada aqui. Ela foi enterrada no sul da Flórida em algum lugar. Eu não acho que alguém realmente saiba onde ela está.”

Apenas para atingir um público maior, ela precisa escrever livros — porque ela é um livro de entretenimento perfeito em si mesma. Em sua juventude, sempre recebia bolsas de estudos e coisas de brancos ricos, alguns dos quais simplesmente a pagavam apenas para se sentar e representar a raça negra para eles, ela fazia isso de uma maneira atrevidíssima. Ela era cheia de anedotas contundentes, histórias engraçadas e histórias trágicas, lembradas de sua vida no sul como filha de um missionário de Deus viajante. Poderia fazer você rir um minuto e chorar no outro. Para muitos de seus amigos brancos, sem dúvida, ela era uma negra perfeita⁶, no belo significado que eles dão ao termo — ou seja, uma Negra ingênua, infantil, doce, bem-humorada e muito colorida.

Mas Miss Hurston também era esperta — uma aluna que não deixou a faculdade lhe dar um “a” amplo e que tinha grande desprezo por todas as pretensões, acadêmicas ou outras. Por isso, ela era uma excelente colecionadora de folclore, capaz de ir entre as pessoas e nunca agir como se estivesse na escola. Quase

⁶ N. das R. No original, a autora coloca a expressão a perfect “darkie” como referência racial/de cor, de uso coloquial e que no texto é colocada entre aspas. Na definição de uma pessoa negra “aceitável” conforme os padrões brancos, a categoria Negro é ativada com a letra maiúscula, como em muitos escritos de Marcus Garvey. A expressão *highly colored Negro* do final pode também enfatizar a racialização baseada em uma dupla referência, *colored* e *Negro*. Na tradução tem se mantido a maiúscula.

as if she had been to school at all. Almost nobody else could stop the average Harlemiter on Lenox Avenue and measure his head with a strange-looking, anthropological device and not get bawled out for the attempt, except Zora, who used to stop anyone whose head looked interesting, and measure it.

— Langston Hughes, *The Big Sea* (Knopf)

ninguém mais conseguiu parar o Harlemiter comum na Avenida Lenox e medir sua cabeça com um aparelho antropológico de aparência estranha e não se surpreender com a tentativa, exceto Zora, que costumava parar qualquer pessoa cuja cabeça parecesse interessante e medi-la.

— Langston Hughes, *The Big Sea* (Knopf)

What does it matter what white folks must have thought about her?

— Student, “Black Women Writers” class, Wellesley College

Mrs. Sarah Peek Patterson is a handsome, red-haired woman in her late forties, wearing orange slacks and gold earrings. She is the director of Lee-Peek Mortuary in Fort Pierce, the establishment that handled Zora’s burial. Unlike most black funeral homes in Southern towns that sit like palaces among the general poverty, Lee-Peek has a run-down, *small* look. Perhaps this is because it is painted purple and white as are its Cadillac chariots. These colors do not age well. The rooms are cluttered and grimy, and the bathroom is a tiny, stale-smelling prison, with a bottle of black hair dye (apparently used to touch up the hair of the corpses) dripping into the face bowl. Two pine burial boxes are resting in the bathtub.

Mrs. Patterson herself is pleasant and helpful.

“As I told you over the phone, Mrs. Patterson,” I begin, shaking her hand and looking into her penny-brown eyes, “I am Zora Neale Hurston’s niece, and I would like to have a marker put on her grave. You said, when I called you last week, that you could tell me where the grave is.”

By this time I am, of course, completely into being Zora’s niece, and the lie comes with perfect naturalness to my lips. Besides, as far as I’m concerned, she *is* my aunt—and that of all black people as well.

“She was buried in 1960,” exclaims Mrs. Patterson.

“That was when my father was running this funeral home. He’s sick now or I’d let you talk to him. But I know where she’s buried. She’s in the old cemetery, the

O que importa o que os brancos devem ter pensado sobre ela?

— Estudante, aula sobre “Escritoras negras”, Wellesley College

A Sra. Sarah Patterson é uma mulher bonita, ruiva, com aparentemente quase cinquenta anos, vestindo calça laranja e brinco de ouro. É diretora da funerária Lee-Peek em Fort Pierce, estabelecimento que lidou com o enterro de Zora. Ao contrário da maioria das casas funerárias negras nas cidades do sul, que se assemelham a palácios no meio da pobreza geral, Lee-Peek tem uma aparência desgastada, *pequena*. Talvez seja porque é pintado de roxo e branco, assim como suas carruagens Cadillac. Essas cores não envelhecem bem. As salas estão desordenadas e sujas, e o banheiro é uma prisão minúscula e com cheiro de mofo, com um frasco de tintura preta para cabelos (apparentemente usada para retocar os cabelos dos cadáveres) pingando na bacia do rosto. Dois caixões de pinho estão descansando na banheira.

Sra. Patterson é agradável e prestativa.

“Como disse ao telefone, Sra. Patterson,” começo, apertando sua mão e olhando em seus olhos castanhos, “sou sobrinha de Zora Neale Hurston e gostaria de colocar um marcador em seu túmulo. Você disse, quando liguei na semana passada, que você poderia me dizer onde está o túmulo.”

A essa altura eu já estou completamente no papel de sobrinha de Zora e a mentira vem com uma naturalidade perfeita aos meus lábios. Além disso, no que me diz respeito, ela *é* minha tia — e também de todos os negros.

“Ela foi enterrada em 1960,” Sr. Patterson exclama.

“Foi quando meu pai dirigia esta casa funerária. Ele está doente agora ou eu deixaria você falar com ele. Mas eu sei onde ela está enterrada. Ela está no antigo

Garden of the Heavenly Rest, on Seventeenth Street. Just when you go in the gate there's a circle, and she's buried right in the middle of it. Hers is the only only grave in that circle-because people don't bury in that cemetery any more."

She turns to a stocky, black-skinned woman in her thirties, wearing a green polo shirt and white jeans cut off at the knee. "This lady will show you where it is," she says.

"I can't tell you how much I appreciate this," I say to Mrs. Patterson, as I rise to go. "And could you tell me something else? You see, I never met my aunt. When she died, I was still a junior in high school. But could you tell me what she died of, and what kind of funeral she had?"

"I don't know exactly what she died of," Mrs. Parterson says. "I know she didn't have any money. Folks took up a collection to bury her... I believe she died of malnutrition."

"Malnutrition?"

Outside, in the blistering sun, I lean my head against Charlotte's even more blistering cartop. The sting of the hot metal only intensifies my anger.

"Malnutrition," I manage to mutter. "Hell, our condition hasn't changed any since Phillis Wheatley's time. She died of malnutrition!"

"Really?" says Charlotte, "I didn't know that."

One can not overemphasize the extent of her commitment. It was so great that her marriage in the spring of 1927 to Herbert Sheen was short-lived, Although divorce did not come officially until 1931, the two separated amicably after only a few months, Hurston to continue her collecting, Sheen to attend Medical School. Hurston never married again.

--Robert Hemenway

"What is your name?" I ask the woman who has climbed into the back seat.

"Rosalee," she says. She has a rough, pleasant voice, as

cemitério, o Jardim do Descanso Celestial, na décima sétima rua. Quando você entra no portão, há um círculo e ela está enterrada bem no meio. A sepultura dela é a única naquele círculo — porque as pessoas não são mais enterradas naquele cemitério."

Ela se vira para uma mulher atarracada, de pele preta, na casa dos trinta, vestindo uma camisa polo verde e jeans branco cortado no joelho. "Esta senhora mostrará onde está", diz ela.

"Eu não posso expressar o quanto eu aprecio isso," digo a Sra. Patterson, enquanto me levanto para ir. "E você poderia me dizer outra coisa? Veja, eu nunca conheci minha tia. Quando ela morreu, eu ainda estava no primeiro ano do ensino médio. Mas você poderia me dizer do que ela morreu e que tipo de funeral ela teve?"

"Eu não sei exatamente do que ela morreu," Sr. Patterson diz. "Sei que ela não tinha nenhum dinheiro. Algumas pessoas se juntaram e pagaram para enterrá-la... Eu acredito que ela morreu de desnutrição."

"Desnutrição?"

Lá fora, sob o sol escaldante, inclino minha cabeça contra a parte superior, ainda mais escaldante, do carro de Charlotte. A picada do metal quente apenas intensifica minha raiva.

"Desnutrição", eu consigo murmurar. "Inferno, nossa condição não mudou *nada* desde o tempo de Phillis Wheatley. Ela morreu de desnutrição!"

"Sério?" Charlotte fala, "Eu não sabia."

Não se pode enfatizar demais a extensão de seu compromisso. Foi tão grande, que seu casamento, na primavera de 1927, com Herbert Sheen durou pouco. Embora o divórcio não tenha ocorrido oficialmente até 1931, os dois se separaram amigavelmente após apenas alguns meses; Hurston para continuar seu trabalho de campo, Sheen para cursar a Faculdade de Medicina. Hurston nunca se casou novamente.

— Robert Hemenway

"Qual é o seu nome?" Pergunto à mulher que subiu no banco de trás.

"Rosalee," diz. Ela tem uma voz áspera e agradável,

if she is a singer who also smokes a lot. She is homely, and has an air of ready indifference.

como se ela fosse uma cantora que também fuma muito. Ela é singela e tem um ar de pronta indiferença.

"Another woman came by here wanting to see the grave," she says, lighting up a cigarette. "She was a little short, dumpty white lady from one of these Florida schools. Orlando or Daytona. But let me tell you something before we gets started. All I know is where the cemetery is. I don't know one thing about that grave. You better go back in and ask her to draw you a map."

"Outra mulher veio aqui querendo ver o túmulo," diz ela, acendendo um cigarro. "Ela era uma senhora branca, baixinha e gordinha, de uma dessas escolas da Flórida. Orlando ou Daytona. Mas deixe-me dizer uma coisa antes de começarmos. Tudo o que sei é onde fica o cemitério. Não sei nada sobre a sepultura. É melhor vocês voltarem e pedirem a ela [Sra. Petterson] para desenhar um mapa. "

A few moments later, with Mrs. Patterson's diagram of where the grave is, we headed for the cemetery.

Alguns momentos depois, com o diagrama da Sra. Petterson de onde está o túmulo, nos dirigimos para o cemitério.

We drive past blocks of small, pastel-colored houses and turn right onto 17th Street. At the very end, we reach a tall curving gate, with the words "Garden of the Heavenly Rest" fading into the stone. I expected, from Mrs. Patterson's small drawing, to find a small circle — which would have placed Zora's grave five or ten paces from the road.

Passamos por quarteirões de pequenas casas em tons pastel e viramos à direita na 17ª rua. No final, chegamos a um portão alto e curvado, com as palavras "Jardim do Descanso Celestial" desaparecendo na pedra. Eu esperava, do pequeno desenho da sra. Paterson, achar um círculo pequeno — o que colocaria o túmulo de Zora a cinco ou dez passos da estrada.

But the "circle" is over an acre large and looks more like an abandoned field. Tall weeds choke the dirt road and scrape against the sides of the car. It doesn't help either that I step out into an active anthill.

Mas o "círculo" tem mais de um hectare e parece mais um campo abandonado. As ervas daninhas altas sufocam a estrada de terra e arranham as laterais do carro. Também não ajudou o fato de que pisei fora do carro em um formigueiro ativo.

"I don't know about y'all," I say, "but I don't even believe this." I am used to the haphazard cemetery-keeping that is traditional in most Southern black communities, but this neglect is staggering. As far as I can see there is nothing but bushes and weeds, some as tall as my waist. One grave is near the road, and Charlotte elects to investigate it. It is fairly clean, and belongs to someone who died in 1963.

"Eu não sei vocês," digo, "mas eu nem acredito nisso." Estou acostumada com a manutenção descuidada de cemitérios, que é tradicional na maioria das comunidades negras do sul, mas essa negligência é impressionante. Até onde posso ver, não há nada além de arbustos e ervas daninhas, alguns da altura da minha cintura. Um túmulo está perto da estrada e Charlotte decide investigá-lo. É bastante limpo e pertence a alguém que morreu em 1963.

Rosalee and I plunge into the weeds; I pull my long dress up to my hips. The weeds scratch my knees, and the insects have a feast. Looking back, I see Charlotte standing resolutely near the road.

Rosalee e eu mergulhamos no mato; eu puxo meu vestido longo para os meus quadris. As ervas daninhas arranham meus joelhos e os insetos têm um banquete. Olhando para trás, vejo Charlotte resolutamente em pé

"Aren't you coming?" I call.

"No," she calls back. "I'm from these parts and I know what's out there." She means snakes.

"Shit," I say, my whole life and the people I love flashing melodramatically before my eyes. Rosalee is a few yards to my right.

"How're you going to find anything out here?" she asks. And I stand still a few seconds, looking at the weeds. Some of them are quite pretty, with tiny yellow flowers. They are thick and healthy, but dead weeds under them have formed a thick gray carpet on the ground. A snake could be lying six inches from my big toe and I wouldn't see it.

We move slowly, very slowly, our eyes alert, our legs trembly. It is hard to tell where the center of the circle is since the circle is not really round, but more like half of something round. There are things crackling and hissing in the grass. Sandspurs are sticking to the inside of my skirt. Sand and ants cover my feet. I look toward the road and notice that there are, indeed two large curving stones, making an entrance and exit to the cemetery. I take my bearings from them and try to navigate to exact center. But the center of anything can be very large, and a grave is not a pinpoint. Finding the grave seems positively hopeless. There is only one thing to do:

"Zora!" I yell, as loud as I can (causing Rosalee to jump), "are you out here?"

"If she is, I sho hope she don't answer you. If she do I'm gone."

"Zora!" I call again. "I'm here. Are you?"

"If she is," grumbles Rosalee, "I hope she'll keep it to herself."

"Zora!" Then I start fussing with her. "I hope you don't think I'm going to stand out here all day, with these snakes watching me and these ants having a field day. In fact, I'm going to call you just one or two more times." On a clump of dried grass, near a small bushy

perto da estrada.

"Você não vem?" Eu grito.

"Não," ela grita de volta. "Sou dessas partes e sei o que há por aí". Ela quer dizer cobras.

"Merda," digo, toda a minha vida e as pessoas que amo passando melodramaticamente diante dos meus olhos. Rosalee está a alguns metros à minha direita.

"Como você vai encontrar alguma coisa lá fora?" ela pergunta. E fico parada por alguns segundos, olhando as ervas daninhas. Algumas delas são bastante bonitas, com pequenas flores amarelas. São grossas e saudáveis, mas as ervas daninhas mortas embaixo delas formaram um grosso tapete cinza no chão. Uma cobra poderia estar a quinze centímetros do meu dedão do pé e eu não a veria.

Nós nos movemos devagar, muito devagar, nossos olhos alertas, nossas pernas tremendo. É difícil dizer onde está o centro do círculo, já que o círculo não é realmente redondo, mas mais como metade de algo redondo. Há coisas crepitando e assobiando na grama. Grãos de areia estão grudadas na parte interna da minha saia. Areia e formigas cobrem meus pés. Olho para a estrada e noto que há, de fato, duas grandes pedras curvas, formando uma entrada e uma saída do cemitério. Eu me oriento por elas e tento navegar até o centro exato. Mas o centro de qualquer coisa pode ser muito grande e uma cova não é um ponto. Encontrar a cova parece definitivamente impossível. Há apenas uma coisa a fazer:

"Zora!", eu grito, o mais alto que posso (fazendo Rosalee pular), "você está aqui?"

"Se ela está, espero que não responda. Se responder, eu vou embora. "

"Zora!" Eu chamo de novo. "Estou aqui. Você está?"

"Se ela está," resmunga Rosalee, "espero que ela guarde isso para si mesma."

"Zora!" Então eu começo a mexer com ela. "Espero que você não ache que vou ficar aqui o dia todo, com essas cobras me observando e essas formigas tendo um dia de campo. Na verdade, vou chamar você apenas mais uma ou duas vezes." Em um monte de grama seca, perto de uma pequena árvore espessa, meu

tree, my eye falls on one of the largest bugs I have ever seen. It is on its back, and is as large as three of my fingers. I walk toward it, and yell "Zo-ra!" and my foot sinks into a hole. I look down. I am standing in a sunken rectangle that is about six feet long and about three or four feet wide.

I look up to see where the two gates are.

"Well," I say, "this is the center, or approximately anyhow. It's also the only sunken spot we've found. Doesn't this look like a grave to you?"

"For the sake of not going no farther through these bushes," Rosalee growls, "yes, it do."

"Wait a minute," I say, "I have to look around some more to be sure this is the only spot that resembles a grave. But you don't have to come."

Rosalee smiles — a grin, really — beautiful and tough.

"Naw," she says, "I feels sorry for you. If one of these snakes got ahold of you out here by yourself I'd feel real bad." She laughs. "I done come this far, I'll go on with you."

"Thank you, Rosalee," I say. "Zora thanks you too." "Just as long as she don't try to tell me in person," she says, and together we walk down the field.

The gusto and flavor of Zora Neal[e] Hurston's storytelling, for example, long before the yarns were published in "Mules and Men" and other books, became local legend which might... have spread further under different conditions. A tiny shift in the center of gravity could have made them best-sellers.

— Arna Bontemps, Personals (Paul Bremen, Ltd.,

olho cai em um dos maiores insetos que eu já vi. Está de costas e mede três dos meus dedos. Ando em direção a ele e grito "Zo-ra!" e meu pé afunda em um buraco. Eu olho para baixo. Estou em um retângulo afundado com cerca de um metro e oitenta de comprimento e três ou quatro metros de largura.

Olho para cima para ver onde estão os dois portões.

"Bem," digo, "esse é o centro, ou aproximadamente, de qualquer forma. É também o único local afundado que encontramos. Isso não parece uma sepultura para você?"

"Por uma questão de não irmos mais longe por esse mato" Rosalee rosna, "sim, parece."

"Espere um minuto," digo, "eu tenho que olhar em volta um pouco mais para ter certeza de que este é o único local que se assemelha a uma sepultura. Mas você não precisa vir".

Rosalee sorri — um sorriso largo, na verdade — bonito e forte.

"Nah," ela diz, "sinto muito por você. Se uma dessas cobras te pegasse aqui sozinha, me sentiria muito mal." Ela ri. "Eu cheguei até aqui, vou continuar com você."

"Obrigada, Rosalee," eu digo. "Zora também agradece."

"Contanto que ela não tente me contar pessoalmente," diz ela e juntas caminhamos pelo campo.

O gosto e o sabor da contação de histórias⁷ de Zora Neal[e] Hurston, por exemplo, muito antes de as histórias serem publicadas em "Mules and Men" e outros livros, tornaram-se uma lenda local que poderia... ter se espalhado ainda mais sob diferentes condições. Uma pequena mudança no centro de gravidade poderia torná-los os mais vendidos.

— Arna Bontemps, Personals (Paul Bremen, Ltd.,

⁷ N. das R. No original, storytelling, traduzido como contação de histórias, refere a arte de transmitir a literatura oralmente, sejam contos, tradições, histórias, o folclore. Originalmente, é uma forma de literatura das sociedades africanas da oralidade e também se mantém na diáspora como formas de memória e criação cultural. É também frequente entre sociedades indígenas. Dentro das sociedades que se centralizaram na escrita, a contação de histórias, ainda quando marginalizada, não desaparece, podendo assumir diversas funções e estilos.

London; 1963)

Bitter over the rejection of her folklore's value, especially in the black community, frustrated by what she felt was her failure to convert the Afro-American worldview into the forms of prose fiction, Hurston finally gave up.

- Robert Hemenway

When Charlotte and I drive up to the Merritt Monument Company, I immediately see the headstone I want.

"How much is this one?" I ask the young woman in charge, pointing to a tall black stone. It looks as majestic as Zora herself must have been when she was learning voodoo from those root doctors down in New Orleans.

"Oh, *that* one," she says, "that's our finest. That's Ebony Mist."

"Well, how much is it?"

"I don't know. But wait," she says, looking around in relief, "here comes somebody who'll know." A small, sunburned man with squinty green eyes comes up. He must be the engraver, I think, because his eyes are contracted into slits, as if he has been keeping stone dust out of them for years.

"That's Ebony Mist," he says. "That's our best."

"How much is it?" I ask, beginning to realize I probably can't afford it.

He gives me a price that would feed a dozen Sahelian drought victims for three years. I realize I must honor the dead, but between the dead great and the living starving, there is no choice.

"I have a lot of letters to be engraved," I say, standing by the plain gray marker I have chosen. It is pale and ordinary, not at all like Zora, and makes me momentarily angry that I am not rich.

We go into his office and I hand him a sheaf of paper that has:

London; 1963)

Amargurada com a rejeição do valor de seu [acervo de] folclore, especialmente na comunidade negra, frustrada com o que ela sentia ser seu fracasso em converter a visão de mundo afro-americana nas formas de ficção em prosa, Huston finalmente desistiu.

— Robert Hemenway

Quando Charlotte e eu dirigimos até a Merritt Monument Company, imediatamente vejo a lápide que quero.

"Quanto é essa?" Pergunto à jovem encarregada, apontando para uma alta pedra negra. A pedra parece tão majestosa quanto a própria Zora deve ter sido quando estava aprendendo vodú com os doutores-raiz em Nova Orleans.

"Oh, *essa*," ela diz, "essa é a nossa melhor. É Névoa de Ébano".

"Bem, quanto custa?"

"Eu não sei. Mas espere," diz ela, olhando em volta, aliviada, "já vem alguém que vai saber."

Um homenzinho queimado de sol, com olhos verdes esguios, aparece. Ele deve ser o gravador, eu acho, porque seus olhos estão contraídos em fendas, como se ele estivesse mantendo o pó de pedra fora deles há anos.

"Isso é Névoa de Ébano," diz ele. "Essa é a nossa melhor."

"Quanto custa?" Eu pergunto, começando a perceber que provavelmente não posso pagar.

Ele me dá um preço que alimentaria uma dúzia de vítimas da seca Saheliana por três anos. Eu compreendo que devo honrar os mortos, mas entre os grandes mortos e os vivos que passam fome, não há escolha.

"Tenho muitas letras para gravar," digo, de pé junto ao marcador cinza claro que escolhi. É pálido e comum, nada parecido com Zora, e isso me deixa momentaneamente zangada por não ser rica.

Entramos em seu escritório e entrego a ele uma folha de papel que contém:

**ZORA NEALE HURSTON “A GENIUS OF THE SOUTH” NOVELIST FOLKLORIST ANTHROPOLOGIST
1901 — 1960**

“A genius of the South” is from one of Jean Toomer’s poems.

“Where is this grave?” the monument man asks. “If it’s in a new cemetery, the stone has to be flat.”

“Well, it’s not a new cemetery and Zora – my aunt – doesn’t need anything flat because with the weeds out there, you’d never be able to see it. You’ll have to go out there with me.”

He grunts.

“And take a long pole and ‘sound’ the spot,” I add. “Because there’s no way of telling it’s a grave, except that it’s sunken.”

“Well,” he says, after taking my money and writing up a receipt, in the full awareness that he’s the only monument dealer for miles, “you take this flag” (he hands me a four-foot-long pole with a red-metal marker on top) “and take it out to the cemetery and put it where you think the grave is. It’ll take us about three weeks to get the stone out there.”

I wonder if he knows he is sending me to another confrontation with the snakes. He probably does. Charlotte has told me she will cut my leg and stuck out the blood, if I am bit.

“At least send me a photograph when it’s done, won’t you?”

He says he will.

Hurston’s return to her folklore-collecting in December of 1927 was made possible by Mrs. R. Osgood Mason, an elderly white patron of the arts, who at various times also helped Langston Hughes, Alain Locke, Richmond Barthe, and Miguel Covarrubias. Hurston apparently came to her attention through the intercession of Locke, who frequently served as a kind of

**ZORA NEALE HURSTON, “UMA GÊNIA DO SUL”. ROMANCISTA, FOLCLORISTA E ANTROPÓLOGA
1901 — 1960**

“Um gênio do Sul” é um dos poemas de Jean Toomer.

“Onde se encontra esse túmulo?” O homem do monumento pergunta. “Se estiver no cemitério novo, a pedra deve ser achatada.”

“Bem, não se trata de um novo cemitério e Zora - minha tia - não precisa de nada plano porque, com as ervas daninhas lá fora, você nunca seria capaz de ver. Você vai ter que ir lá comigo.”

Ele resmunga.

“E leve uma vara longa e sonde o local,” Eu acrescento. “Porque não há como dizer que é um túmulo a não ser pelo fato de que está afundado.

“Bom”, ele diz, depois de pegar meu dinheiro e escrever um recibo, na completa consciência de que é a única pessoa encarregada dos túmulos em milhas, “você pega essa bandeira (e me passa uma vara de quatro pés de comprimento com um marcador de metal vermelho na ponta) e leva isso para o cemitério, e você coloca onde pensa que o túmulo está. Vai nos levar perto de três semanas para levar a pedra para lá”.

Eu me pergunto se ele sabe que ele está me enviando para ter outra confrontação com as serpentes. Ele provavelmente sabe. Charlotte diz que ela cortará a minha perna e chupará o meu sangue se eu for mordida.

“Pelo menos, me envie uma fotografia quando estiver pronto. Você pode fazer isso?”

E ele disse que poderá.

A volta de Hurston para o trabalho de coleção de materiais folclóricos foi em dezembro de 1927. Esse trabalho foi possível graças a patronagem da Sra. R. Osgood Mason, uma filantropa branca que ajudou algumas vezes também Langston Hughes, Alain Locke, Richmond Barthe e Miguel Covarrubias. Hurston aparentemente cativou a atenção dessa senhora através

liaison between the young black talent and Mrs. Mason. The entire relationship between this woman and the Harlem Renaissance deserves extended study, for it represents much of the ambiguity involved in white patronage of black artists. All her artists were instructed to call her "Godmother"; there was a decided emphasis on the "primitive" aspects of black culture, apparently a holdover from Mrs. Mason's interest in the Plains Indians. In Hurston's case there were special restrictions imposed by her patron: although she was to be paid a handsome salary for her folklore collecting, she was to limit her correspondence and publish nothing of her research without prior approval.

— Robert Hemenway.

You have to read the chapters Zora left out of her autobiography.
— Student, Special Collections Room Beinecke Library, Yale University.

Dr. Benton, a friend of Zora's and a practicing M.D. in Fort Pierce, is one of those old, good-looking men whom I always have trouble not liking. (It no longer bothers me that I may be constantly searching for father figures; by this time, I have found several and dearly enjoyed knowing them all.) He is shrewd, with steady brown eyes under hair that is almost white. He is probably in his seventies, but doesn't look it. He carries himself with dignity, and has cause to be proud of the new clinic where he now practices medicine. His nurse looks at us with suspicion, but Dr. Benton's eyes have the penetration of a scalpel cutting through skin. I guess right away that if he knows anything at all about Zora Hurston, he will not believe I am her niece.

"Eatonville?" Dr. Benton says, leaning forward in his chair, looking first at me, then at Charlotte. "Yes, I know Eatonville, I grew up not far from there. I knew the whole bunch of Zora's family." (He looks at the

da intervenção de Lock, que frequentemente fez a articulação entre a talentosa jovem preta e a senhora Mason. Toda a relação entre essa mulher e o Harlem Renaissance merece um estudo extenso, porque representa muito da ambiguidade envolvida no patrocínio dos brancos para com os artistas negros. Era solicitado, de todos os seus artistas que a chamassem de "madrinha"; existia uma ênfase decidida nos aspectos chamados "primitivos" da cultura negra,

aparentemente um resquício do interesse da Sra. Mason pelos Indígenas das Planícies. No caso de Hurston, restrições especiais foram impostas pela sua benfeitora: apesar de que ela devia ser paga um belo salário pela sua coleção de folclore, ela deveria limitar sua correspondência e não publicar nada das suas pesquisas sem uma aprovação prévia.

— Robert Hemenway.

"Você tem que ler os capítulos que Zora deixou de fora de sua autobiografia". — Estudante, Special Collections Room, Beinecke Library, Yale University.

O doutor Benton, um amigo de Zora e médico em exercício, em Fort Piercy, é um daqueles homens de idade, atraentes, que eu sempre tenho dificuldade em não gostar (já não me perturba mais o fato de que eu possa estar procurando constantemente por figuras paternas, à essas alturas [da vida], eu tenho encontrado muitas e tenho me deleitado de conhecê-las todas). Ele é astuto, com olhos castanhos firmes sob um cabelo que é quase branco. Ele está provavelmente nos seus setenta, mas não o aparenta. Ele porta sua imagem com dignidade e está orgulhoso da nova clínica onde ele agora pratica medicina. A enfermeira dele olha para nós com suspeita, mas os olhos do doutor Benton penetravam como um bisturi cortando a pele. Eu penso imediatamente que, se ele sabe qualquer coisa sobre Zora Hurston, ele não vai acreditar que eu sou sua sobrinha.

"Eatonville?", diz o doutor Benton, se inclinando na sua cadeira, olhando primeiramente para mim e depois para Charlotte. "Ah, sim, conheço Eatonville. Cresci não muito longe dali. Conheci muitos da família de

shape of my cheekbones, the size of my eyes, and the nappiness of my hair.) “I knew her daddy. The old man. He was a hardworking, Christian man. Did the best he could for his family. He was the mayor of Eatonville for a while, you know.”

“My father was the mayor of Goldsboro. You probably never heard of it. It never incorporated like Eatonville did, and has just about disappeared. But Eatonville is still all-black.”

He pauses and looks at me. “And you’re Zora’s niece,” he says wonderingly.

“Well,” I say with shy dignity, yet with some tinge, I hope, of a 19th-century blush, “I’m illegitimate. That’s why I never knew Aunt Zora.”

I love him for the way he comes to my rescue. “You’re not illegitimate!” he cries, his eyes resting on me fondly. “All of us are God’s children! Don’t you even think such a thing!”

And I hate myself for lying to him. Still, I ask myself, would I have gotten this far toward getting the headstone and finding out about Zora Hurston’s last days without telling my lie? Actually, I probably would have. But I don’t like taking chances that could get me stranded in Central Florida.

“Zora didn’t get along with her family. I don’t know why. Did you read her autobiography, *Dust Tracks on a Road*?”

“Yes, I did”, I say. “It pained me to see Zora pretending to be naïve and grateful about the old white ‘Godmother’ who helped finance her research, but I loved the part where she ran off from home after falling out with her brother’s wife.”

Dr. Benton nodded. “When she got sick, I tried to get her to go back to her family, but she refused. There wasn’t any real hatred; they just never had gotten along and Zora wouldn’t go to them. She didn’t want to go to the county home, either, but she had to, because she

Zora”. (Ele analisa o formato das minhas maçãs do rosto, o tamanho de meus olhos e os cachos de meu cabelo). “Conheci o papai dela. O velho. Ele era muito trabalhador. Um homem cristão. Fez o melhor que podia pela sua família. Ele foi prefeito de Eatonville por um tempo, como você já deve saber.

“Meu pai foi prefeito de Goldsboro, você provavelmente nunca ouviu falar daquele lugar. Nunca se incorporou [à cidade] como aconteceu com Eatonville, e acabou desaparecendo. Mas Eatonville ainda é uma vila de pessoas pretas.

“E você é a sobrinha de Zora?”, me pergunta.

“Bom,” eu digo com tímida dignidade, mas com um toque, espero, de um rubor próprio do século 19, “eu sou não legítima, por isso é que eu nunca conheci tia Zora”.

Eu adoro o jeito que ele parte para o meu resgate “Você não é ilegítima”, ele exclama, descansando seus olhos em mim afetuosamente. “Todos nós somos filhos de Deus! Não pense jamais numa coisa dessas”. E eu me odeio por mentir para ele. Ainda assim, eu me pergunto: será que eu teria chegado tão longe, conseguido a lápide e conseguido saber sobre os últimos dias de Zora Hurston sem contar a minha mentira? De fato, eu poderia mesmo ter conseguido isso. Porém, eu não queria arriscar em algo que pudesse me manter presa na Flórida Central.

“Zora não se entendia com a família dela. Eu não sei porquê. Você leu a autobiografia dela?”

“Sim, eu li,” eu respondo. “Me doeu ver Zora fingindo ser inocente e tão agradecida a respeito daquela velha ‘Madrinha’ branca que financiou a pesquisa dela, mas eu amei a parte em que ela fugiu após brigar com a esposa do irmão”.

Dr. Benton assentiu. “Quando ela ficou doente, eu tentei que ela voltasse para a família dela, mas ela não quis. Não existia um ódio real, eles simplesmente não se davam bem e Zora não ia procurá-los. Ela também não queria ir para a casa de campo, mas ela precisou fazê-lo, porque não podia fazer nada por ela mesma”.

couldn't do a thing for herself."

"I was surprised to learn she died of malnutrition."

Dr. Benton seems startled. "Zora *didn't* die of malnutrition," he says indignantly. "Where did you get that story from? She had a stroke and she died in the welfare home." He seems peculiarly upset, distressed, but sits back reflectively in his chair: "She was an incredible woman," he muses. "Sometimes when I closed my office, I'd go by her house and just talk to her for an hour or two. She was a well-read, well-traveled woman and always had her own ideas about what was going on..."

"I never knew her, you know. Only some of Carl Van Vechten's photographs and some newspaper photographs. ... What did she look like?"

"When I knew her, in the fifties, she was a big woman, erect. Not quite as light as I am [Dr. Benton is dark beige], and about five foot, seven inches, and she weighed about two hundred pounds. Probably more. She..."

"What! Zora was *fat*! She wasn't, in Van Vechten's pictures!"

"Zora loved to eat," Dr. Benton says complacently. "She could sit down with a mound of ice cream and just eat and talk till it was all gone."

While Dr. Benton is talking, I recall that the Van Vechten pictures were taken when Zora was still a young woman. In them she appears tall, tan, and healthy. In later newspaper photographs – when she was in her forties – I remembered that she seemed heavier and several shades lighter. I reasoned that the earlier photographs were taken while she was busy collecting folklore materials in the hot Florida sun.

"She had high blood pressure. Her health wasn't good... She used to live in one of my houses – on School Court Street. It's a block house... I don't recall the number. But my wife and I used to invite her over

"Me surpreendeu saber que ela morreu de desnutrição".

O doutor Benton parece perplexo. "Zora *não* morreu de desnutrição", fala indignado. "De onde é que você tirou essa história? Ela teve um derrame e morreu no Abrigo Público". Ele parece-me particularmente aborrecido, aflito, mas se reclina reflexivamente na cadeira: "Ela era uma mulher incrível", comenta. "Às vezes, quando eu fechava meu consultório, ia na casa dela e sentava para conversar por uma hora ou duas. Ela era uma mulher muito erudita, muito viajada e sempre tinha suas próprias ideias sobre o que estava acontecendo..."

"Eu nunca cheguei a conhecê-la, sabe. Somente algumas fotografias de Carl Van Vechten e fotografias de jornais. ... Como era a aparência dela?"

"Quando eu a conheci, nos seus cinquenta, ela era uma mulher grande, *ereta*. Não tão clara quanto eu (o doutor Benton é bege escuro), com mais ou menos 1.70 de altura, e pesava perto de noventa quilos. Provavelmente mais. Ela..."

"O quê?! Zora era *gorda*! Não parecia ser assim nas fotografias de Van Vetchen!"

"Zora adorava comer", diz o doutor Benton complacientemente. "Ela podia sentar com um monte de sorvete e comer e conversar até tudo acabar".

Enquanto o doutor Benton falava, eu lembro que as fotografias de Van Vetchen foram tiradas quando Zora era, ainda, uma jovem mulher. Nelas, ela aparece alta, bronzeada e saudável. Nas fotografias posteriores dos jornais - quando ela estava nos seus quarenta anos - lembro que ela me pareceu mais pesada e alguns tons mais clara. Concatenei que as primeiras fotografias foram tiradas quando ela estava ocupada colhendo materiais folclóricos sob o quente sol da Flórida.

"Ela tinha pressão alta... a saúde dela não era boa. Ela morava em uma das minhas casas - Na rua School Court. É uma casa de bloco... não me recordo o número. Mas a minha mulher e eu costumávamos

to the house for dinner. *She always ate well,*” he says emphatically.

“That’s comforting to know,” I say, wondering where Zora ate when she wasn’t with the Bentons.

“Sometimes she would run out of groceries – after she got sick – and she’d call me. ‘Come over here and see ’bout me,’ she’d say. And I’d take her shopping and buy her groceries.

“She was always studying. Her mind – before the stroke – just worked all the time. She was always going somewhere, too. She once went to Honduras to study something. And when she died, she was working on that book about Herod the Great. She was so intelligent!

And really had perfect expressions. Her English was beautiful.” (I suspect this is a clever way to let me know Zora herself didn’t speak in the “black English” her characters used.)

“I used to read all of her books,” Dr. Benton continues, “but it was a long time ago. I remember one about... it was called, I think, ‘The Children of God’ [Their Eyes Were Watching God], and I remember Janie and Teapot [Teacake] and the mad dog riding on the cow in that hurricane and bit old Teapot on the cheek...”

I am delighted that he remembers even this much of the story, even if the names are wrong, but seeing his affection for Zora I feel I must ask him about her burial. “Did she really have a pauper’s funeral?”

“She didn’t have a pauper’s funeral!” he says with great heat. “Everybody around here *loved* Zora.”

“We just came back from ordering a headstone,” I say quietly, because he is an old man and the color is coming and going on his face, “but to tell the truth, I can’t be positive what I found is the grave. All I know is the spot I found was the only grave-size hole in the area.”

convidá-la para jantar em casa. *Ela sempre comeu bem*”, ele diz enfaticamente.

“É reconfortante saber isso”, digo, me perguntando onde Zora comia quando ela não estava na casa dos Benton.

“Às vezes, ela ficava sem alimentos - depois que ficou doente - e ela me ligava. ‘Venha pra cá me ver’, dizia. E eu a levava para fazer a feira e lhe comprava alimentos.

“Ela sempre estava estudando. A mente dela - antes do derrame - trabalhava o tempo inteiro. Ela sempre estava indo para algum lugar ou outro também. Uma vez ela foi para Honduras para estudar alguma coisa. E quando ela morreu, estava trabalhando naquele livro sobre Herodes o Grande. Ela era tão inteligente!

E tinha realmente expressões perfeitas. O inglês dela era tão belo!” (Suspeito que essa era uma forma inteligente de me deixar saber que Zora não falava o ‘Inglês Preto’ que suas personagens usavam).

“Eu costumava ler todos os seus livros”, continuava o doutor Benton, “mas isso foi há muito tempo. Eu lembro que tinha um que falava sobre... que se chamava, acho, ‘As crianças de Deus’ [*Seus olhos viam Deus*] e lembro de Janie e Teapot [*Teacake*] e o cachorro louco montando na vaca naquele furacão e que mordeu o velho Teapot na bochecha”.

Fico muito feliz com o fato de que ele lembra tanto assim da história, mesmo que os nomes estejam errados; mas vendo o afeto que ele cultivava por Zora, senti que devia perguntar para ele sobre o funeral. “Ela teve mesmo um funeral miserável?”

“Não, ela não teve um funeral de pobre!”, ele falou calorosamente. “Todo mundo aqui *amava* ela”.

“A gente acabou de voltar de providenciar uma lápide”, falei de forma calma, porque ele *é* um homem idoso e as cores vão e voltam no rosto dele, “mas para ser honesta, não posso ter certeza de que o túmulo que achei seja o certo. Tudo o que sei é que o ponto que achei era o único buraco do tamanho de um túmulo

“I remember it wasn’t near the road,” says Dr. Benton, more calmly. “Some other lady came by here and we went an out looking for the grave and I took a long iron stick and poked all over that part of the cemetery but we didn’t find anything. She took some pictures of the general area. Do the weeds still come up to your knees?”

“And beyond,” I murmur. This time there isn’t any doubt. Dr. Benton feels ashamed.

As he walks us to our car, he continues to talk about Zora. “She couldn’t really write much near the end. She had the stroke and it left her weak; her mind was affected. She couldn’t think about anything for long”.

“She came here from Daytona, I think. She owned a houseboat over there. When she came here, she sold it. She lived on that money, then she worked as a maid – for an article on maids she was writing – and she worked for the *Chronicle* writing the horoscope column”.

"I think black people here in Florida got mad at her because she was for some politician they were against. She said this politician *built* schools for blacks while the one they wanted just talked about it. And although Zora wasn't egotistical, what she thought, she thought; and generally what she thought, she said."

When we leave Dr. Benton's office, I realize I have missed my plane back home to Jackson, Mississippi. That being so, Charlotte and I decided to find the house Zora lived in before she was taken to the country welfare home to die. From among her many notes, Charlotte locates a letter of Zora's she had copied that carries the address: 1734 School Court Street. We ask several people for directions. Finally, two old gentleman in a dusty gray Plymouth offer to

dentro da área”.

“Eu lembro que não estava perto da estrada”, diz o doutor Benton, mais calmo. “Outra mulher veio aqui, nós fomos procurar o túmulo e eu peguei uma barra de ferro comprida e cutuquei em várias partes do cemitério, mas não achamos nada. Ela tirou umas fotos da área geral. A grama ainda cresce até os joelhos?”

“E mais”, sussurrei. Dessa vez, não há dúvidas. O doutor Benton se sente envergonhado.

Enquanto ele caminha até nosso carro, ele continua falando sobre Zora. “Ela não estava conseguindo escrever muito já próxima do fim. Ela teve o derrame e isso a deixou fraca; a mente dela estava afetada. Ela não podia pensar em nada por longo tempo”.

“Ela veio aqui de Daytona, eu acho. Ela era dona de uma casa flutuante ali. Quando ela veio, a vendeu. Ela viveu desse dinheiro. Depois ela trabalhou como empregada doméstica - para um artigo que ela estava escrevendo sobre empregadas domésticas - e trabalhava para o *Crônicas*, escrevendo a coluna do horóscopo”.

“Eu acho que as pessoas negras aqui na Florida ficaram com raiva dela porque ela estava a favor de algum político aos quais eles se opunham. Ela disse que esse político *construiu* escolas para as pessoas negras enquanto que aqueles que as pessoas negras queriam somente falava sobre isso. E apesar de que Zora não era arrogante, o que ela pensava era o que ela pensava; e, geralmente, o que ela pensava era o que ela dizia”.

Quando deixamos o escritório do doutor Benton, eu me dou conta de que perdi meu avião de volta para Jackson, Mississippi. Sendo assim, Charlotte e eu decidimos encontrar a casa onde Zora tinha vivido antes de ser levada para o Abrigo Estatal para morrer. Entre as suas muitas notas, Charlotte encontra a cópia de uma carta de Zora que contém o endereço: Rua School Court, 1734. Pedimos orientação para várias pessoas. Finalmente, dois cavalheiros de idade em um

lead us there.

School Court Street is not paved, and the road is full of mud puddles. It is dismal and squalid, redeemed only by the brightness of the late afternoon sun. Now I can understand what a "block" house is. It is a house shaped like a block, for one thing, surrounded by others just like it. Some houses are blue and some are green or yellow. Zora's is light green. They are tiny—about 50 by 50 feet, squatty with flat roofs. The house Zora lived in looks worse than the others, but that is its only distinction. It also has three ragged and dirty children sitting on the steps.

"Is this where y'all live?" I ask, aiming my camera.

"No, ma'am" they say in unison, looking at me earnestly. "We live over yonder. This Miss So-and-So's house; but she in the hospital."

We chatter inconsequentially while I take more pictures. A car drives up with a young black couple in it. They scowl fiercely at Charlotte and don't look at me with friendliness, either. They get out and stand in their doorway across the street. I go up to them to explain. "Diz you know Zora Hurston used to live right across from you?" I ask.

"Who?" They stare at me blankly, then become curiously attentive, as if they think I made the name up. They are both Afro-ed and he is soberly dashiki-ed.

I suddenly feel frail and exhausted. "It's too long a story," I say, "but tell me something, is there anybody on this street who's lived here for more than thirteen years?"

Plymouth cinza empoeirado se oferecem para nos levar até lá.

A rua School Court não é pavimentada e a estrada está cheia de poças de lama. É uma rua sombria e sórdida, que só se redime pelo brilho do sol do final da tarde. Agora eu posso entender o que é uma "casa de bloco". É uma casa com forma de bloco rodeada por outras casas iguais. Algumas dessas casas são azuis e outras são verdes ou amarelas. A de Zora é verde claro. São pequenas - 15 por 15 metros, baixas com tetos planos. A casa onde Zora morava parece estar em piores condições do que as outras, mas essa é a única diferença. Também tem três crianças esfarrapadas e sujas sentadas nos degraus.

"É aqui onde todos vocês moram?", lhes pergunto, apontando com a minha câmera.

"Não, senhora", dizem eles ao unísono, olhando para mim com seriedade. "A gente mora lá longe. Essa é a casa da Senhora Tal, mas ela está no hospital".

Conversamos sobre coisas irrelevantes enquanto eu tiro mais fotografias. Um carro com um casal preto dentro chega. Eles olham furiosamente para Charlotte e também não olham de forma amistosa para mim. Eles descem do carro e ficam parados na porta da casa deles, do outro lado da rua. Eu chego até eles para explicar. "Vocês sabiam que Zora Hurston vivia na casa bem em frente à de vocês?", pergunto.

"Quem?", olham para mim inexpressivamente, começando depois a prestar mais atenção, como se achassem que eu inventei o nome. Os dois são Afro-ed⁸ e ele é solenemente dashiki-ed⁹.

Repentinamente me sinto débil e exausta. "É uma longa história, mas me digam uma coisa, tem alguém nessa rua que tenha vivido aqui por mais de treze anos?"

⁸ N. das T. Africanizado.

⁹ N. das T. Neologismo para um tipo de túnica colorida popular na África.

"That old man down there," the young man says, pointing. Sure enough, there is a man sitting on his steps three houses down. He has graying hair and is very neat, but there is a weakness about him. He reminds me of Mrs. Turner's husband in *Their Eyes Were Watching God*. He's rather "vanishing"-looking, as if his features have been sanded down. In the old days, before black was beautiful, he was probably considered attractive, because he has wavy hair and light-brown skin; but now, well, light skin has ceased to be its own reward.

After the preliminaries, there is only one thing I want to know: "Tell me something," I begin, looking down at Zora's house, "did Zora like flowers?"

He looks at me queerly. "As a matter of fact," he says, looking regretfully at the bare, rough yard that surrounds her former house, "she was Crazy about them. And she was a great gardener. She loved azaleas, and that running and blooming vine [morning glories], and she really loved that night-smelling flowers [gardenia]. She kept a vegetable garden year-round, too. She raised collards and tomatoes and things like that.

"Everyone in this community thought well of Miss Hurston. When she died, people all up and down this street took up a collection for her burial. We put her away nice."

"Why didn't somebody put a headstone?"

"Well, you know, one was never requested. Her and her family didn't get along. They didn't even come to the funeral."

"And did she live down there by herself?"

"Yes, until they took her away. She lived with—just her and her companion, Sport."

My ears perk up. "Who?"

"Aquele velho homem ali", disse o jovem, apontando. Certamente, lá tem um homem sentado nos degraus dele, três casas abaixo. Ele tem o cabelo grisalho e está bem arrumado, mas parece debilitado. Me lembra do marido da senhora Turner em *Seus olhos viam Deus*. O aspecto dele parece "desbotado", como se seus traços tivessem sido lixados. Tempos atrás, antes de quando o preto era belo¹⁰, ele era provavelmente considerado atraente por causa de seu cabelo ondulado e sua pele marrom-claro; mas agora, a pele clara deixou de ser atrativa.

Após as preliminares, há somente uma coisa que eu quero saber: "me diga uma coisa", começo, olhando a casa de Zora lá embaixo, "Zora gostava de flores?"

Ele olha para mim de forma estranha. "De fato", diz olhando com pesar para o quintal vazio e áspero que rodeia aquela que foi a casa dela, "Ela era louca por elas. E era uma jardineira magnífica. Ela adorava azaleias, e aquela longa trepadeira do tipo que desce parede abaixo, glória da manhã¹¹. E ela amava aquelas flores que cheiram à noite (gardênia). Ela cuidava de um jardim de vegetais durante o ano todo, também. Ela cultivava repolhos, tomates e coisas assim.

"Todos nessa comunidade apreciavam a senhorita Hurston. Quando ela morreu, pessoas do início ao fim dessa rua organizaram uma quota para o funeral. Nós fizemos uma despedida bonita para ela."

"Porque ninguém colocou uma lápide?"

"Bem, você sabe, ninguém a encomendou. Ela e a família dela não se davam bem. Eles nem mesmo vieram para o funeral".

"E ela morava naquele lugar lá embaixo sozinha?"

"Sim, até que eles a levaram. Ela morava lá sozinha com a sua companhia, Sport."

Meus olhos se acenderam. "Quem?"

"Sport, você sabe, o cachorro dela. Ele era a única companhia dela. Era um cachorro grande, de cor

¹⁰ N. das R. No original, *before black was beautiful* (antes que o negro fosse belo) é uma referência à célebre frase de afirmação estético-cultural e política *black is beautiful* de um poema de Langston Hughes, usualmente traduzida como "negro é lindo", presente nos movimentos afro-estadunidenses e também retomada em outras latitudes, como no movimento de Consciência Negra da África do Sul.

¹¹ N. da T. *Ipomoea purpurea*, planta psicoativa.

"Sport, you know, her dog. He was her only companion. He was a big brown-and-white dog." When I walk back to the car, Charlotte is talking to the young couple on their porch. They are relaxed and smiling.

"I told them about the famous lady who used to live across the street from them," says Charlotte as we drive off. "Of course they had no idea Zora ever lived, let alone that she lived across the street. I think I'll send some of her books to them."

"That's real kind of you," I say.

I am not tragically colored. There is no great sorrow damned up in my soul, nor lurking behind my eyes. I do not mind at all. I do not belong to the sobbing school of Negrohood who hold that nature somehow has given them a lowdown dirty deal and whose feelings are all hurt about it....No, I do not weep at the world—I am too busy sharpening my oyster knife.

—Zora Neale Hurston, "How It Feels To Be Colored Me" *World Tomorrow*, 1928

There are times — and finding Zora Hurston's grave was one of them — when normal responses of grief, horror, and so on, do not make sense because they bear no real relation to the depth of the emotion one feels. It was impossible for me to cry when I saw the field full of weeds where Zora is. Partly this is because I have come to know Zora through her books and she was not a teary sort of person herself; but partly, too, it is because there is a point at which even grief feels absurd. And at this point, laughter gushes up to retrieve sanity.

It is only later, when the pain is not so direct a threat to one's own existence that was learned in that moment of

marrom e branco”.

Quando volto para o carro, Charlotte estava conversando com o jovem casal na varanda da frente. Eles estão tranquilos e sorrindo.

“Eu contei para eles sobre a senhora famosa que morava na frente da casa deles”, diz Charlotte enquanto o carro se afasta. “Claro que eles não faziam ideia de que Zora tivesse existido, menos ainda de que morasse do outro lado da rua. Acho que vou enviar alguns dos livros dela para eles”.

“Seria muito gentil da sua parte”, eu digo.

Não sou tragicamente uma pessoa de cor. Não há nenhum grande infortúnio amaldiçoado na minha alma, nem escondido por trás dos meus olhos. Não me interessa nem um pingão. Eu não pertencço à soluçante escola da Negritude que afirma que a natureza, de alguma forma, lhes deu um sujo inventário de acordos injustos e desonestos e cujos sentimentos acerca disso estão todos feridos. Não, eu não choro para o mundo - Estou demasiado ocupada afiando minha faca de ostras”.

—Zora Neale Hurston, “Como eu me sinto sendo uma pessoa de cor” *World Tomorrow*, 1928.

Há tempos nos quais — e encontrar o túmulo de Zora Hurston foi um desses tempos — as respostas normais ao luto, pranto, e etc não fazem sentido porque não comportam uma conexão real com a profundidade das emoções que nós sentimos. Foi impossível para mim chorar quando vi o matagal onde Zora se encontra. Em parte, isso se dá porque eu conheci Zora através de seus livros e ela mesma não era uma pessoa choramingona, mas em parte também porque há um ponto em que até o próprio luto parece absurdo. E nesse ponto, uma gargalhada brota para nos devolver a sanidade.

É somente depois, quando a dor já não é uma ameaça tão direta à própria existência, que o que foi aprendido

comical lunacy is understood. Such moments rob us of both youth and vanity. But perhaps they are also times when greater disciplines are born.

nesse momento de cômica loucura é compreendido. Esses momentos nos roubam a juventude e a vaidade. Mas, talvez, também sejam esses os tempos nos quais disciplinas mais poderosas do saber nascem.

Alice Walker is the author of "Revolutionary Petunias and Other Poems," which was nominated for a National Book Award, and "In Love & Trouble: Stories of Black Women," which received the Rosenthal Foundation Award from the National Institute of Arts and Letters. (Both published by Harcourt Brace Jovanovich.)

Alice Walker é autora de "Petúnias Revolucionárias e Outros Poemas", nomeado para um National Book Award, e "Eu amo e Perturbo: Histórias de Mulheres Negras", que recebeu o Prêmio da Rosenthal Foundation do National Institute of Arts and Letters (os dois publicados por Harcourt Brace Jovanovich).

BOOKS IN PRINT

LIVROS IMPRESSOS

Zora's papers can be found in the library at the University of Florida in Gainesville, and is the James Weldon Johnson Collection, Bienecke Library, Yale University. (A biography of Zora, by Robert Hemenway of the University of Kentucky, will be published late this year.)

Os escritos de Zora podem ser encontrados na Universidade de Florida, em Gainesville, e na James Weldon Johnson Collection, Bienecke Library, Universidade de Yale (uma biografia de Zora, escrita por Robert Hemenway da Universidade de Kentucky, será publicada ainda neste ano).

Jonah's Gourd Vine, J. B. Lippincott Co., 1971: hardcover, \$5.95; paperback, \$2.95. (A novel, originally published in 1934.)

A trepadeira de cabaças de Jonah [Jonah's Gourd Vine], J.B. Lippincott Co., 1971; Capa dura \$ 5,95; Edição de bolso \$ 2,95 (Uma novela, originalmente publicada em 1934).

Their Eyes Were Watching God, a Fawcett Premier Book, Fawcett Publications, Inc., 1972: paperback, 95 cents. (Originally published in 1937, this novel is Hurston's masterpiece.)

Seus olhos viam Deus [Their eyes were watching god], um livro premiado pela Fawcett, Publicações Fawcett, Inc. 1972; edição de bolso, 0,95 centavos (Originalmente publicada em 1937, essa novela é a obra prima de Hurston).

Mules and Men, Harper & Row Publishers, 1970: paperback, \$1.50. (Originally published in 1935, this book is a folklore classic.)

Mulas e Homens [Mules and Men], Harper & Row Perennial Library, Harper & Row Publishers 1970; Edição de Bolso \$1,50 (Originalmente publicado em 1935, esse livro é um clássico do folclore).

Dust Tracks on a Road, J. B. Lippincott Co., 1971: hardcover, \$5.95; paperback, \$2.95. (Originally published in 1942, this is Hurston's autobiography.)

Traços de poeira na estrada [Dust tracks on a Road], J.B. Lippincott Co. 1971; Capa dura, \$ 5,95; edição de bolso, \$ 2,95 (Originalmente publicada em 1942, é a autobiografia de Hurston).

BOOKS NOT IN PRINT

LIVROS NÃO IMPRESSOS

(but check public libraries)

(mas que podem ser procurados nas livrarias públicas)

Moses, Man of the Mountain (novel), J. B. Lippincott Co., 1939.

Tell My Horse (folklore), J. B. Lippincott Co., 1938.

Seraph on the Suwanee (novel), Charles Scribner's Sons, 1948.

Moisés, o homem da montanha [*Moses, man of the mountain*] (novela), J.B. Lippincott Co., 1939.

Diga ao meu cavalo [*Tell my horse*] (folklore). J.B. Lippincott Co., 1938.

Serafim nos Suwanee [*Seraph on the Suwanee*] (novela), Charles Scribner's Sons, 1948.



(“Quando a dor não ameaça”, Sara Oliveira, 2021)